

Vozes femininas no rádio maranhense: a presença e resistência de mulheres nas rádios de Caxias (MA)¹

Izani Mustafá²

Universidade Federal do Maranhão-Imperatriz (UFMA)

Kátia Fraga³

Universidade Federal de Viçosa – UFV

Resumo

O presente estudo investiga a atuação de mulheres nas emissoras de rádio de Caxias (MA), destacando suas trajetórias, desafios e formas de resistência em um ambiente historicamente masculino e de resistência ao trabalho feminino. A pesquisa, de abordagem qualitativa, entrevistou onze profissionais atuantes e/ou que atuaram em diferentes funções, revelando desigualdade de gênero nos cargos e valorizando a dimensão afetiva e social com o rádio. Os relatos evidenciam como essas mulheres transformam o meio radiofônico em espaço de expressão, identidade e transformação comunitária, reafirmando o papel desse veículo de comunicação como ferramenta de resistência e protagonismo feminino no interior do Maranhão.

Palavras-chave: Rádio e Mídia Sonora; Rádio; Gênero; Mulheres; Caxias.

Introdução

O rádio, enquanto meio de comunicação de massa com forte capilaridade nas regiões interioranas do Brasil, permanece relevante como instrumento de informação, formação e entretenimento. A cidade de Caxias está situada no leste maranhense, próximo do Piauí. Segundo o censo do IBGE de 2022, o município possui uma população de aproximadamente 156.973 mil habitantes. Tem um cenário radiofônico diversificado, com televisões e emissoras como a Band Caxias, TV Difusora Leste e Rádio Difusora (antiga Rádio Sinal Verde), Sistema Nordeste (que reúne a TV e a antiga Rádio Guanaré), Rádio Veneza FM e a Rádio Alternativa (que transmite por alto-falante). Essas rádios desempenham um papel fundamental na comunicação local e têm sido espaços significativos para a atuação de mulheres jornalistas e radialistas.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Esta pesquisa teve a contribuição das estudantes do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz: Elenir Castro, Clara Teles, Solange Oliveira e Katherine Martins. E apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - FINANCE CODE 001.

² Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz, email: izani.mustafa@gmail.com

³ Doutora, com pós-doutorado em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Comunicação Social-Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Viçosa (UFV/MG), e-mail: katiafraga@ufv.br

No entanto, essa presença nem sempre é acompanhada de reconhecimento, autonomia e equidade nas condições de trabalho. Como aponta Barbosa (2003, p. 89), o jornalismo é “um instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos”.

Este estudo propõe uma investigação acerca da atuação das mulheres nas rádios de Caxias, analisando suas trajetórias, experiências profissionais, desafios enfrentados e formas de resistência no cotidiano radiofônico. A discussão desenvolvida nesse texto faz parte dos resultados iniciais do projeto “Vozes, memórias e histórias de mulheres nas rádios do Maranhão (1941-2022), do Grupo de Pesquisa Rádio, Podcast e Mídia Sonora do Maranhão (GP RPM), listado no CNPq, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz.

Apesar da importância das profissionais, há uma escassez de registros acadêmicos que documentem as trajetórias e as experiências delas nas rádios. O projeto de pesquisa “Vozes, Memórias e Histórias de Mulheres nas Rádios do Maranhão (1941–2022)”, desenvolvido pelo GP RPM, busca preencher essa lacuna. Até novembro de 2024, foram entrevistadas 50 mulheres que atuaram ou atuam em estações radiofônicas em cinco cidades do estado, incluindo Caxias.

A escolha pelo recorte temático e territorial se justifica por dois aspectos principais: primeiro, pela escassez de pesquisas acadêmicas que abordem o protagonismo feminino na comunicação radiofônica fora dos grandes centros urbanos; segundo, pela necessidade de compreensão mais aprofundada das relações de gênero no ambiente midiático regional. A cidade de Caxias é uma cidade de relevância econômica e histórica⁴ e constitui um campo significativo para se analisar como mulheres inseridas no contexto da comunicação local lidam com estruturas patriarcais, desigualdades salariais e a desvalorização de suas vozes em um espaço ainda predominantemente masculino.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender o papel das mulheres nas emissoras de rádio em Caxias, identificando suas condições de trabalho, práticas profissionais, dificuldades e formas de resistência. Como objetivos específicos, propõe-se: mapear os cargos ocupados por mulheres nas emissoras locais; refletir sobre as

⁴ É a quinta cidade mais populosa do Maranhão (IBGE, 2022). Com arquitetura do século XIX, a localidade é polo industrial, sendo entrecortada pela BR-316. Outro destaque é a Ferrovia Teresina-São Luís, que transporta atualmente diversos produtos.

contribuições femininas para o fortalecimento do rádio como meio plural e representativo.

Nesse sentido, este artigo está coadunado com a Pesquisa Nacional Coletiva ‘A história das mulheres no rádio brasileiro - revisão do relato histórico’, coordenada pelas professoras jornalistas Juliana Gobbi Betti e Valci Regina Mousquer Zuculoto. Em entrevista conduzida por Juliana Gobbi Betti para o dossiê ‘Rádio e Gênero’ da Radiofonias, revista de estudos em mídia sonora, a jornalista, professora e pesquisadora Valci Zuculoto defendeu a relevância de pesquisas com esse enfoque, apresentando “questionamentos teóricos e metodológicos que revelam a urgência de novas categorias de análise dentro dos estudos em comunicação. Igualmente, incentivam a reflexão sobre o próprio fazer ciência” (BETTI,2021, p.190).

A proposta da pesquisa coletiva nacional sobre as profissionais do rádio é a utilização do gênero como categoria analítica. De acordo com Valci Zuculoto os estudos precisam ir além dos marcos históricos que apontam pioneiras, por exemplo. Isso é importante, todavia, torna-se fundamental uma contextualização mais aprofundada. Para ela, “é preciso ter ganchos, então se apoiar em marcos também” (BETTI,2021, p.192). Por isso, nossa análise aponta indicadores que aprofundam a discussão, conforme a metodologia adotada para apresentar profissionais atuantes em emissoras radiofônicas, funções exercidas e outros indicadores.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com coleta de dados realizada nos dias 17, 18 e 29 de outubro de 2024. Dez das 11 profissionais entrevistadas foram presencialmente, nos dias 17 e 18, na cidade de Caxias. Apenas uma delas foi realizada de forma *on line*, em 29 de outubro. As **11 mulheres** atuam e/ou atuaram em emissoras de rádio em Caxias, exercendo diferentes funções como locutoras, produtoras e jornalistas. As entrevistas foram semiestruturadas e orientadas a partir de um roteiro temático centrado nas trajetórias profissionais, percepções sobre o ambiente de trabalho, experiências com preconceito, discriminação e formas de resistência.

Esses apontamentos são fundamentais para compreendermos a importância da trajetória das comunicadoras no rádio maranhense. As formas de opressão vividas pelas mulheres brasileiras, incluídas as profissionais da comunicação, têm origem nas desigualdades

sistêmicas e numa construção de gênero que submeteu a população feminina à invisibilidade e a olhares racistas e sexistas (MUSTAFA, et al, 2025).

Após esses encontros, as entrevistas foram transcritas. No **Quadro 1** abaixo relacionamos as entrevistadas com seus nomes e em que emissora trabalharam e/ou trabalham:

Nome da profissional	Nome da rádio em que trabalha e/ou trabalhou
Aryelle Coutinho	Rádio Nordeste (Antiga Guanaré)
Maria Vilene Silva	Rádio Nordeste (Antiga Guanaré)
Thaynara Silva	Rádio Nordeste (Antiga Guanaré)
Angela de Sousa	Rádio Difusora (Antiga Sinal Verde)
Valéria Medeiros Assunção	Rádio Difusora (Antiga Sinal Verde)
Fabiola Nascimento	Rádio Tropical
Cleonice Maria Coelho	Rádio Alternativa (Transmite por Alto-falante)
Cida Rodrigues	Rádio Veneza / Guanaré/ Alternativa
Claudia Lima	Rádio Esperança / Rádio Guanaré
Célia Guimarães	Rádio Tropical FM
Licia Lobato	Rádio Sinal Verde

Resultados e discussão

As entrevistas evidenciaram que as mulheres atuam em múltiplas frentes dentro das emissoras, embora ainda se concentrem em funções associadas à produção e apresentação de programas. A presença feminina em cargos de chefia, coordenação e na parte técnica (como operação de áudio) ainda é reduzida, revelando uma divisão de trabalho marcada por estereótipos de gênero.

As entrevistadas narraram experiências de sororidade, solidariedade e articulação com movimentos sociais locais, como associações de mulheres, sindicatos e grupos de comunicação popular. Essa relação tem possibilitado a construção de espaços de escuta, formação e fortalecimento das vozes femininas no rádio.

“O rádio hoje para mim é a base, né? Primeiro Deus, e segundo minha família, depois vem o rádio, porque assim sem o rádio, eu não sei nem quem é Lene Silva mais, que faz tanto tempo que eu vivo isso, eu não sei quem sou eu sem o rádio” (Silva, 2024). O relato da locutora da Rádio Nordeste Maria Vilene Silva mostra a importância que o rádio tem para as mulheres e como esse meio de comunicação contribui para a identidade que elas constroem socialmente.

A formação universitária apareceu como um diferencial relevante para a inserção e permanência das mulheres no meio. Muitas delas são egressas de cursos como Jornalismo, Pedagogia ou Serviço Social, o que as dota de repertório crítico e articulações institucionais importantes. Outro ponto relevante foi a dimensão afetiva do trabalho radiofônico, muitas vezes ligado a um sentimento de missão ou responsabilidade com a comunidade.

A presença feminina no meio radiofônico mostra ainda uma evolução das rádios, não somente no que diz respeito às mulheres começarem a colocar a voz para transmissão de jogos, mas também nas questões tecnológicas. “O Sistema Nordeste conta com a melhor mesa de som e de áudio que existe no nosso estado. Com certeza está entre as melhores. A melhor bancada é a nossa”, destaca Aryelle Coutinho, da Rádio Nordeste.

O encontro com as entrevistadas nos mostra as singularidades de cada trajetória profissional, a construção das carreiras e as responsabilidades assumidas. São histórias com disparidades e dificuldades, mas também de anseios e desejos realizados. É o caso da Aryelle que possui duas graduações, Administração Empresarial e Pedagogia, e uma pós-graduação. Diferente de Maria Vilene que concluiu o Ensino Médio e começou a trabalhar em uma rádio quase que em seguida, passando apenas por alguns empregos provisórios. Relatos assim nos mostram a importância de conhecer essas mulheres, de saber mais da experiência delas e como isso acaba influenciando na profissão que elas têm hoje.

Para além do lado positivo, infelizmente essas mulheres também passam por momentos que são, no mínimo, desagradáveis, podendo ocasionar na saída delas de determinada emissora. Uma das profissionais relembra que, ainda muito nova, trabalhava com um determinado homem, bem conhecido e mais velho: “Essa pessoa era muito chata mesmo. Chata no sentido de assediar na maior cara de pau, falando

linguagem pessoal, mas para que as pessoas entendam (...) era casado, tinha família, entende?”. O relato é de Thaynara Silva, que decidiu pedir para sair da emissora. A radialista e pedagoga atualmente está na Rádio Nordeste FM.

Essas vivências são referenciais para a pesquisa coletiva nacional numa perspectiva, inclusive, da professora jornalista e coordenadora dessa iniciativa, Juliana Gobbi: Betti:

“E um olhar como esse, uma pesquisa como essa que propomos, só é possível por conta de todo esse processo que vem, principalmente, a partir dessas mulheres. Desde a formação do grupo até todo o conhecimento que produziram, todos os espaços de liderança que ocuparam, a própria organização do grupo, a forma como as pessoas se relacionam, têm muito disso, né?” (BETTI, 2021, p.202).

Considerações finais

A presença feminina nas rádios de Caxias, no Maranhão, é marcada por tensões entre protagonismo e invisibilidade. Apesar das barreiras estruturais, essas mulheres têm construído trajetórias potentes, tornando o rádio um espaço de luta, expressão e transformação social. O estudo revela a necessidade de ampliar os debates sobre gênero e comunicação no contexto regional, bem como de fomentar políticas que promovam a equidade no setor. As vozes femininas no rádio maranhense são, mais do que sobreviventes, agentes de mudança, pois reconfiguram o cenário comunicacional regional, ampliando a representatividade feminina e contribuindo para uma comunicação mais inclusiva e democrática.

É fundamental reconhecer e valorizar a contribuição das mulheres nas rádios de Caxias e do Maranhão como um todo. Suas histórias refletem resistência, dedicação e paixão pelo jornalismo, sendo essenciais para a construção de uma comunicação mais equitativa e representativa. São relatos que mostram ainda a certeza de que trabalhar em uma emissora legou um lugar social de peso às comunicadoras. Isso faz com que as entrevistadas continuem na área para além da obrigação, porque mantém um contato com os ouvintes, com os quais criam laços diariamente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 13, Juiz de Fora, 2021. Anais [...] 13o Encontro Nacional de História da Mídia, 2021. Disponível em: <https://alcarnacional2021.com.br/anais-do-evento/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BETTI, Juliana Gobbi. As perspectivas de gênero nos estudos radiofônicos: um diálogo aberto entre Valci Regina Mousquer Zuculoto e Juliana Gobbi Betti. Entrevista com Valci Regina Mousquer Zuculoto. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 190-203, set./dez. 2021.

MUSTAFÁ, Izani; FRAGA Kátia. Histórias de vida das mulheres da Rádio Timbira FM (95,5), a mais antiga do Estado do Maranhão. Revista Mediação, 2024. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/10266>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MUSTAFÁ, Izani. FRAGA, Kátia. BRITO, Nayane Cristina R. de. PINHEIRO, Roseane Arcanjo. MARTINS, Katherine Malaquias. As mulheres de ontem e de hoje no Rádio de Imperatriz (MA). 2023. Disponível em: <https://bit.ly/-MFBPM>. Acesso em: 21 de maio de 2025.